

3. Escutar a Verdade

São Bento, juntamente com os Apóstolos e todos os pais e mães da Igreja, concentrou-se inteiramente na consciência de que a verdade é a palavra do Senhor. Por isso, toda a Regra pede para escuta-la, desde o início: “*Obsculta, o filii, praecepta magistri* – Escuta, filho, os preceitos do Mestre!” (RB Prol. 1).

Tudo, na comunidade monástica que não quer ser outra coisa senão uma comunidade cristã na sua essencialidade, é organizado, doado e pedido para escutar o Senhor. A oração comum, toda entrelaçada com a Palavra de Deus, o ensinamento do abade, os momentos da *lectio divina*, a leitura à mesa ou antes das Completas, o clima de silêncio constante que nada mais é do que um clima de escuta e meditação constantes, o diálogo fraterno, sinodal, para ouvir a opinião de cada membro da comunidade (cf. RB 3); mas também a vida quotidiana feita de convivência fraterna, de trabalho, de acolhimento dos hóspedes e dos pobres, de cuidado dos doentes, de humilde serviço e de responsabilidade: tudo para São Bento é um espaço de escuta constante da verdade que Jesus nos diz, e que Jesus quer fazer viver, experimentar, para que penetre em nós e entre nós. Porque a verdade que Cristo nos diz e testemunha é o amor do Pai e do Filho na comunhão do Espírito Santo, que quer tornar-se o nosso amor filial para com Deus e o nosso amor fraterno entre nós e com todos. A verdade de Cristo é a Vida divina da Comunhão trinitária que através da Igreja se torna vida nova em nós e entre nós.

Mas se a verdade é isto, por que nos esforçamos para ouvi-la? Porque, também nós, muitas vezes somos como Pilatos que, mesmo diante da Verdade em pessoa, finge não ouvi-la e vai embora perguntando-se “O que é a verdade”?

O fato é que a verdade da palavra de Cristo, a verdade do Evangelho, incomoda-nos, contradiz-nos, pede-nos que façamos escolhas que contradizem o que a serpente nos sussurra e que sempre nos parece mais tentador e interessante para nós do que a verdade de Cristo.

São Paulo, escrevendo aos Coríntios, percebe que a serpente está sempre em ação e contrapõe a verdade que o apóstolo não se cansa de lhes anunciar: “Mas temo que, como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim se corrompam os vossos pensamentos e se apartem da sinceridade para com Cristo”. (2Cor 11,3)

A serpente sussurra-nos que é do nosso interesse ser grandes, fortes, poderosos, ricos. Mas Jesus nos anuncia que a nossa verdadeira alegria é de sermos pequenos, mansos, humildes, pobres. A serpente nos sussurra que o propósito da vida é o sucesso que prevalece sobre os outros; Jesus anuncia-nos que a plenitude da vida é a Cruz, perder a vida para doá-la. A serpente nos sussurra que a energia que nos impulsiona e nos faz progredir é o orgulho, a vanglória; Jesus nos anuncia que o segredo do progresso espiritual é a humildade.

Quem está certo? A serpente ou Jesus? Jesus nos convida a experimentar a sua verdade para descobrir nela a bem-aventurança, uma plenitude e uma paz de coração que tudo o que a serpente nos sussurra não nos dá. Adão e Eva ficaram imediatamente desapontados com as promessas da serpente. Pelo contrário, a promessa do Criador que nos fez à sua imagem e semelhança, à imagem da Trindade, que nos fez para sermos filhos no Filho, continua a ser válida, e espera só a nossa escuta, o nosso sim obediente à verdade do Evangelho para se cumprir em nós, como se cumpre nos santos.

Jesus disse um dia aos Judeus: “Se permanecerdes na minha palavra, sereis meus verdadeiros discípulos; conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8,31b-32).

Jesus nos diz uma verdade que nos liberta. Mas liberta de quê ou para quê?

Para Jesus, a liberdade não é tanto a liberdade de pensar e dizer o que quiser, mas uma liberdade no viver. Fundamentalmente, a liberdade que Cristo nos dá é a de amar, de poder dar a vida, e também de perdê-la, de sacrificá-la. Não se é discípulo de Cristo apenas com o pensamento, mas permitindo a sua palavra moldar toda a nossa vida.

É esta a obra da Igreja, da comunidade cristã, da assembleia dos discípulos convocada pelo Senhor que nos chama a estar juntos com Ele, ao redor d’Ele, amando-nos uns aos outros para permanecer no seu amor como Ele permanece no amor do Pai, deixando-nos amar pelo Filho como o Filho é amado pelo Pai no dom do Espírito. O Pentecostes dá à Igreja esta experiência e alimenta-a constantemente ao longo dos séculos, até ao regresso de Jesus Cristo.

O Senhor, chamando-nos a Ele no batismo e depois na forma de vocação que nos dá, chama-nos sempre a viver esta experiência em uma comunidade, para crescer como membros vivos do seu Corpo.

Se não pensamos desta forma a nossa comunidade, significa que dela temos uma ideia mundana e que, portanto, vivemos nela com critérios mundanos e não segundo a verdade de Cristo.

São Paulo fala de desejos segundo a carne e não segundo o Espírito:

“Ora, as obras da carne são estas: fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, superstição, inimizades, brigas, ciúmes, ódio, ambição, discórdias, partidos, invejas, bebedeiras, orgias e outras coisas semelhantes. Dessas coisas vos previno, como já vos preveni: os que as praticarem não herdarão o Reino de Deus! Ao contrário, o fruto do Espírito é caridade, alegria, paz, paciência, afabilidade, bondade, fidelidade, brandura, temperança.” (Gl 5,19-22)

São Tiago também alerta contra sentimentos que vão contra a verdade de Cristo:

“Mas, se tendes no coração um ciúme amargo e gosto pelas contendas, não vos glorieis, nem mintais contra a verdade. Esta não é a sabedoria que vem do alto, mas é uma sabedoria terrena, humana, diabólica. Onde houver ciúme e contenda, ali há também perturbação e toda espécie de vícios. A sabedoria, porém, que vem de cima, é primeiramente pura, depois pacífica, condescendente, conciliadora, cheia de

misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, nem fingimento. O fruto da justiça semeia-se na paz para aqueles que praticam a paz”. (Tg 3,14-18)

Os dois apóstolos apresentam a paz, aquela que é fruto do Espírito, como o estado da comunidade e do coração que supera todas as inspirações do maligno, todos os desejos da carne, todas as insinuações do mundo. A verdadeira paz é para nós uma vitória, a vitória de Cristo sobre o pecado e a morte que se torna a vitória do nosso coração quando permitimos a Cristo conquista-lo com a sua presença que nos diz a verdade e sopra em nós o Espírito do Pai.

Quando, na tarde de Páscoa, Jesus ressuscitado aparece aos discípulos incrédulos e cheios de medo, oferece-lhes a sua presença ferida e viva que os transforma com o sopro do Espírito (cf. Jo 20,19-23). E é assim que Cristo nos traz a paz: “Jesus aproximou-se, pôs-se no meio deles e disse-lhes: 'A paz esteja convosco!’” (Jo 20,19).

Devemos viver assim em cada Eucaristia, pessoalmente e como comunidade, e viver toda a vida comunitária como se estivéssemos sempre reunidos em torno do Ressuscitado. Então aconteceria entre nós o mesmo milagre que transformou os apóstolos e fez deles uma comunidade eclesial toda ardente por acolher e testemunhar o Senhor que traz a paz e salva o mundo.